



Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Grandes greves em Espanha

A grande greve de setenta mil mineiros das Astúrias há um mês que se mantém. A solidariedade activa de muitos outros trabalhadores elevou para cima de cem mil o número de grevistas. O movimento atingiu muitas outras províncias e chegou ao operariado agrícola. Madrid tornou-se um centro grevista. O governo fascista de Franco vê nitidamente a sua frente a vontade do povo levantada contra o seu regime. Em muitos países ergue-se a solidariedade à luta dos trabalhadores e do povo espanhol.

Os trabalhadores e o povo português, também em luta enérgica contra o regime de Salazar, saúdam vibrantemente a acção heroica dos seus irmãos espanhóis.

AS LUTAS DE 1 E 8 DE MAIO

EM GRANDIOSAS MANIFESTAÇÕES O POVO EXIGE O FIM DO FASCISMO

O 1.º de Maio de 1962, assim como o 8 de Maio, ficaram para sempre na história do nosso Povo. Pela primeira vez, em grandiosas manifestações à escala nacional, o povo exige abertamente o fim do fascismo e mostra-se disposto a todos os sacrifícios para conquistar a liberdade política.

A criminoso e sangrenta repressão salazarista contra o povo desbaratado tornou mais claro que o povo deve contar apenas com a sua força e que se deve preparar para combater e derrotar o aparelho repressivo fascista.

O caminho do levantamento nacional está aberto. Novas grandes batalhas construirão esse seguro caminho para a conquista das grandes aspirações do nosso povo.

Para isso é imperioso que a organização das massas se amplie muito, que se reforce a unidade das diversas correntes anti-fascistas e que se fortaleça rapidamente a organização anti-salazarista entre as Forças armadas. Ao mesmo tempo, é necessário que as massas populares estejam atentas a manobras preparadas na sombra e que têm por objectivo enganar o povo e salvar as posições fascistas.

Como diz o manifesto do Secretariado do C.C. de 18 de Maio: «Só um movimento popular poderoso que ganhe as ruas e imponha a sua vontade pode garantir, EM TODAS AS CIRCUNSTÂNCIAS, o triunfo das grandes reivindicações populares e imediatas, a saber:

- a) Formação dum governo provisório de unidade nacional, amplamente representativo, que prepare e assegure as condições para a realização de eleições livres;
- b) Imediata insinuação das liberdades democráticas fundamentais, designadamente a de imprensa, de reunião, de associação (compreendida a da formação de partidos);
- c) Imediata e completa amnistia política a todos os presos, perseguidos e exilados anti-fascistas;
- d) Cessação da guerra de Angola e regresso ao país de todos os soldados expedicionários».

O 8 de Maio em Lisboa

A grandiosa manifestação do 1.º de Maio criou um ambiente de grande entusiasmo e combatividade em Lisboa. No dia 2 toda a cidade comentava a valentia dos manifestantes; na Carris, Alfredo Alves, Sorelame, Uti e outras empresas os operários paralizaram o trabalho em homenagem aos que tombaram na manifestação do 1.º de Maio. Por toda a parte começou a preparar-se uma nova jornada para o dia 8 de Maio, aniversário da derrota do fascismo na guerra.

Assustados com a potência da manifestação do dia 1, os fascistas tomaram medidas repressivas excepcionais: na tarde de 8 o centro de Lisboa foi ocupado pelas forças de combate da PSP que obrigaram a encerrar os estabelecimentos e casais de espetáculos e fecharam o trânsito, instalando metralhadoras pesadas nas ruas centrais.

Mas o povo, treinado na luta do 1.º de Maio, não se atemorizou e dezenas de milhares de manifestantes vieram para as ruas, concentrando-se em torno da Baixa. Os

fascistas desencadearam então um ataque criminoso contra o povo desarmado, fazendo fogo indiscriminadamente. Durante muitas horas as metralhadoras matraquearam na capital, num tiroteio insensato que provocou vários mortos e muitas dezenas de feridos. A polícia disparava sem aviso sobre a multidão, nas ruas e dos telhados, chegando mesmo a disparar rajadas de metralhadora contra as pessoas que se encontravam no hospital de S. José.

Os trabalhadores lisboetas enfrentaram a polícia com extraordinária bravura. No Martin Moniz, na Graça, no Torel, no Castelo, em Almirante Reis, viam-se os manifestantes refugiarem-se das balas nos portais para logo voltarem a apedrejar a polícia, ao grito de «Assassinos! Abaixo o fascismo! Morra Salazar!». Durante muitas horas o povo bateu-se bravamente com a polícia em vários pontos da cidade, numa manifestação que excedeu em dureza a do 1.º de Maio.

Marinheiros e soldados

apoiam os manifestantes! Um numeroso grupo de marinheiros que se encontrava na R. Augusta e que a polícia intimou a retirar, foram apoiados pelos trabalhadores e pelos seus camaradas da ronda da Marinha, obrigando a polícia a bater em retirada. Noutro local, um grupo de soldados recusou-se a dispersar e manteve-se junto dos manifestantes. Estes acontecimentos revelam o ambiente de agitação que se vem acentuando nas forças armadas contra a criminoso acção da polícia.

No próximo número do «Avante!» noticiaremos outras acções populares realizadas no dia 8 de Maio.

A HEROICA GREVE DOS ESTUDANTES

Atróciando com uma repressão desenfreada, os estudantes portugueses prosseguem a sua grande greve em defesa dos direitos académicos, exemplo de unidade que os coloca nas primeiras filas da luta anti-fascista.

LISBOA — Depois de uma suspenção da greve pedida pelos dirigentes académicos para negociações com o governo, os estudantes reuniram-se no dia 9 de Maio numa grande assembleia plenária a que assistiram 6 mil jovens e na qual foi aprovada por unanimidade o prosseguimento da greve até se conseguirem as reivindicações fundamentais dos estudantes: reabertura das associações, libertação dos colegas presos e readmissão dos professores demitidos. Esta assembleia teve grande importância por ter posto a claro que os estudantes apenas devem confiar nas suas forças e na solidariedade do povo, abandonando qualquer ilusão legalista.

Enquanto os piquetes de greve voltavam a instalar-se à porta das Faculdades, um numeroso grupo de dirigentes académicos ocupou as instalações universitárias e entrou em greve da fome. A invasão da Universidade pela polícia e a prisão de 1.500 estudantes e pes-

soas de família que os acompanhavam foi um novo acto desesperado do fascismo para quebrar a luta estudantil, mas o coro de protestos que se levantou em todo o País obrigou a libertar imediatamente os jovens presos.

Prosseguindo a luta em estreita unidade, os estudantes não se dobraram perante as represálias anunciadas na última nota governamental. Apesar dos plênários serem proibidos nessa nota como «ilegais», no dia 23 de Maio realizou-se nova reunião plenária no meio de grandes forças da polícia, em que foi aprovada por unanimidade a continuação da greve.

COIMBRA — Apesar da proibição da polícia, os estudantes realizaram em Maio mais uma assembleia magna onde foi decretado o recomeço da greve de protesto contra o encerramento da Associação. Todos os organismos desportivos e culturais da Academia de Coimbra paralisaram a sua actividade.

Segundo o exemplo de Lisboa, centenas de estudantes barricaram-se na Associação Académica e daí resistiram ao cerco da polícia que no dia seguinte tomou as instalações, prendendo cerca de 150 estudantes que têm estado a ser libertados devido ao movimento de protesto na cidade.

Solidarizai-vos com os estudantes!

Neste momento a melhor ajuda aos estudantes está no desencadeamento de novas lutas reivindicativas e greves pela classe operária. Importa também que os intelectuais realizem acções de solidariedade e que o povo de Lisboa, de Coimbra e do Porto acompanhe os estudantes nas suas concentrações e manifestações de rua.

A greve dos estudantes é uma grande luta contra o fascismo que precisa da solidariedade activa de todo o povo.

Salvemos José Magro e os outros militantes do Partido presos

Em 24 de Maio, a PIDE prendeu em Lisboa o camarada José Magro, membro do Comité Central do Partido e grande lutador pela liberdade do povo português que se evadira em Dezembro do Forte de Caxias, assim como os destacados militantes do Partido José Bernardino e Manuel Estanqueiro Nunes. Em Abril foram também presos no Porto os destacados militantes do Partido Augusto Lindolfo, João Honrado e Evelina da Conceição.

Na ânsia de desorganizar as grandiosas lutas do nosso povo e de manter no poder o regime condenado de Salazar, os bandidos da PIDE não hesitam diante de nenhuma violência; eles assaltam casas, espartam e torturam e não hesitam mesmo em assassinar estes abnegados patriotas. Prestemos toda a solidariedade a José Magro e aos outros militantes comunistas que acabam de ser presos! Reclamemos que saiam da incomunicabilidade e que sejam libertados! Só nós podemos impedir que a PIDE os torture e lhes roube a vida!

A construção do Comunismo na U. R. S. S.

A construção do comunismo na União Soviética é uma gigantesca tarefa. A sua realização será acompanhada pelo mundo inteiro e exercerá uma influência decisiva em toda a humanidade.

A divulgação do novo PROGRAMA DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA, o Programa da construção do comunismo (publicado recentemente em tradução portuguesa) e a sua discussão entre a classe operária, entre todos os trabalhadores, entre a juventude e os intelectuais, entre toda a gente honesta, é uma tarefa a que se devem entregar os comunistas e as pessoas progressistas.

Procuraremos, nas páginas do «Avante!», divulgar também alguns aspectos desse caminho radioso para toda a humanidade, que a União Soviética está já percorrendo.

Como se diz no Programa, as bases fundamentais da nova sociedade serão realizadas até 1980.

Para construir o comunismo nas suas linhas gerais é necessário antes de mais criar a base material e técnica do comunismo. Como afirmou N. Kruchichov no seu Informe sobre o Programa do P.C.U.S., essa «é a tarefa económica capital, a base da linha geral do nosso Partido».

Entre os objectivos fundamentais dessa tarefa contam-se:

— a criação de potentes forças produtivas que coloquem a URSS no primeiro lugar da produção por habitante;

— a elevação da produtividade do trabalho ao mais alto grau do mundo;

— o desenvolvimento da produção dos bens materiais que assegure à população o mais alto nível de vida;

— a transformação gradual das relações de produção socialistas em relações de produção comunistas.

Para se ter uma ideia concreta do que será a evolução da produção industrial da URSS retiramos do informe indicado os números estabelecidos pelos organismos de planificação.

Desenvolvimento da indústria da URSS no período 1960-1980

	1960	1970	1980	1980-1960
Produção industrial global (bilhões de rublos)	155	408	970-1000	6,2-6,4
Produção de meios de produção (bilhões de rublos)	105	267	720-740	6,8-7
Produção de bens de consumo (bilhões de rublos)	50	121	250-260	5-5,2
Electricidade (bilhões de kWh)	292,3	900-1000	2700-3000	9,2-10,3
Aço (milhões de toneladas)	65	145	250	3,8
Petróleo (milhões de toneladas)	148	390	690-710	4,7-4,8
Gás (bilhões de m ³)	47	310-325	680-720	14,4-15,2
Carvão (milhões de toneladas)	513	686-700	1180-1200	2,3-2,34
Constr. mecânicas e tratamento de metais (bilhões de rublos)	34	115	334-375	9,8-11
Adubos minerais (em unidades convencionais) (milhões de toneladas)	13,9	77	125-135	9-9,7
Resinas sintéticas e produtos plásticos (milhões de toneladas)	332	5300	19000-21000	57-63
Fibras sintéticas e artificiais (milhões de toneladas)	211	1250	3100-3300	14,7-15,5
Cimento (milhões de toneladas)	45,5	122	233-235	5,1-5,2
Têxteis (todas as fibras) (bilhões de m ²)	6,6	13,6	20-22	3-3,3
Calçado em couro (milhões de pares)	419	825	900-1000	2,1-2,4
Aparelhos domésticos e culturais (bilhões de rublos)	5,9	18	58-60	9,8-10,1

O acréscimo médio anual da produção industrial alcançará, nos próximos vinte anos, 9 a 10%. Em 1980 A PRODUÇÃO INDUSTRIAL DA URSS SERÁ CERCA DO DOBRO DA ACTUAL PRODUÇÃO DE TODO O MUNDO NÃO SOCIALISTA.

CARTA DOS PRESOS POLÍTICOS DE BURGOS aos presos políticos portugueses

Queridos Amigos e companheiros:

Não foi sem fortes razões que as conferências pela Amnistia de Montecarlo e de Rio de Janeiro, a campanha mundial pela Amnistia, uniram sob uma única bandeira o pedido da nossa libertação e da nossa, pois, além das injustiças de ração, uma-não o facto da Portugal e Espanha sofrerem ditaduras similares e dois homens, Salazar e Franco, durante mais de um quarto de século terem imposto aos seus povos a fome, o terror e a opressão e encerrado nas suas prisões os patriotas que se têm oposto a tal estado de coisas.

A Campanha pela Amnistia a nosso favor, tal como tal força, tal potência, que ambos os ditadores já não podem ocultar que nas prisões portuguesas e espanholas existem centenas de presos políticos por lutarem contra os seus regimes.

Companheiros portugueses, a nossa liberdade e a nossa estão próximas. A campanha mundial a nosso favor e a luta dos nossos respectivos povos arrancar-nos-á das prisões em que nos encontramos, e terminará com os regimes autoritários que sofremos e não poderemos colar aos nossos lares, onde há tantos anos faltamos, e trabalhar pelo bem da pátria.

Desejamos um fim de ano e que o próximo vos traga a liberdade. Por isso internadamente saudamos com emoção as nossas famílias e o nosso povo ao qual desejamos um rápido triunfo na luta que leva a cabo para estabelecer um regime democrático.

Abraçamos-vos fraternalmente

Os Presos Políticos da Prisão Central de Burgos

É NECESSÁRIO LUTAR CONTRA A REPRESSÃO e por uma ampla Amnistia!

UNIDADE PELA AMNISTIA

um importante documento

Perante o desejo do nosso povo, cada vez mais evidente, de que termine o regime fascista, perante as heróicas acções de centenas de milhares de pessoas pela conquista das liberdades democráticas, o governo de Salazar intensificou muito a repressão.

Mil e quinhentos estudantes, professores e familiares presos recentemente, centenas de pessoas presas como «medida preventiva» antes do 1.º de Maio, outras centenas de presos nas grandes manifestações desse dia, mais prisões nas comemorações do 8 de Maio, torturas infligidas aos presos políticos, agravamento da situação nas prisões, assassinatos em Aljustrel e Lisboa e ferimentos a tiro em outras terras — eis o panorama de terror que Salazar impõe no país e que atinge as diversas camadas da população.

É necessário elevar os protestos contra tal situação. É preciso que, por todo o lado, se tome a iniciativa de unir os portugueses, qualquer que seja a sua ideia política, para reclamar contra as torturas e crimes e exigir o castigo dos seus responsáveis, e para exigir a libertação imediata de todos os presos políticos.

A reclamação dum ampla amnistia

para os presos e exilados políticos tem sido um dos gritos mais ouvidos nas vibrantes manifestações que o nosso povo tem realizado.

Esse mesmo grito está ressoando por muitos países como prova da solidariedade à luta corajosa que se trava no nosso país.

É necessário elevar ainda mais essa exigência nacional e internacional pois cada vez com mais frequência se torna imperioso salvar os presos políticos, restituir ao país os cidadãos exilados, impedir que a renúncia salazarista cometa novas arbitrariedades, torturas e crimes.

Alguns exemplos de torturas sobre presos políticos

Entre muitos casos que ultimamente conhecemos eis alguns:

António João Ramalho de Almeida, guarda-livros em Salvaterra de Magos. Preso e entregue à PIDE no ano passado por ter solicitado um requerimento de eleitor. Foi barbaramente torturado pelo que sofreu grave perturbação mental. Não tem assistência médica e a PIDE não permite visitas da família.

Maria José Ribeiro, jovem presa no Porto no dia 8 de Março. Foi agredida brutalmente pelo agente Vitorino Aires que lhe quebrou os ossos no rosto. Sofreu depois várias bofetadas de outro agente, em seguida foi agredida por vários com cavalo-marinho e ainda foi batida e insultada por um grupo de 10 agentes.

Neste e outros espancamentos nas prisões da PIDE no Porto têm-se destacado os agentes Artur Ferreira, Melo, Maia, Coelho da Silva, Almeida, Magalhães, Ezequiel e Vitorino Aires.

José Pacheco, camponês da região de Sines, membro do Partido Comunista, preso em Seitbal no ano passado. Levado para a GNR dessa cidade foi espancado durante muitas horas com socos violentos, pontapés, com cavalo-marinho, pisado no chão depois de caído, etc.

O tenente da GNR que o espancava, ao fim do segundo ou terceiro dia de tortura, ao mesmo tempo que loucamente o feria com o cavalo-marinho, chorava de raiva gritando: «Então eu não te hei de perdoar?» As praças da GNR que assistiram a tais barbaridades causou admiração o porte honrado deste nosso camponês.

PROTESTOS contra os crimes da PIDE

Milhares de assinaturas têm sido recolhidas em várias terras do país reclamando um inquérito ao assassinato do nosso camarada José Dias Coelho ou exigindo o castigo dos assassinos Manuel Lavado e Pedro Ferreira. Igualmente em vários países têm sido realizadas homenagens à memória de Dias Coelho e acções de protesto contra o seu assassinato.

Denunciando a perseguição política e o tratamento desumano que o Dr. Arlindo Vicente tem sofrido, o general Humberto Delgado escreveu cartas aos presidentes das Repúblicas do Brasil, dos Estados Unidos e da França e ao primeiro ministro brasileiro.

Também numa carta enviada ao ministro da Justiça, o bastonário da Ordem dos Advogados, Dr. Pedro Pita protestou contra o «infamante tratamento» sofrido pelo Dr. Melo Borges, que foi almejado e socado por agentes da PIDE.

Estes protestos enérgicos têm o apoio de todos os cidadãos portugueses que não podem deixar de se revoltar contra as torturas infligidas aos presos.

lia, escondendo-lhe o seu estado e dizendo que ele que não quer visitas.

José Delgado, empregado na Caixa de Previdência dos Empregados do Comércio em Lisboa, natural de Campo Maior, preso em Novembro último numa rua da cidade. Foi espancado tão brutalmente pelo inspector Carvalho que ficou com um maxilar e uma costela partidos.

As camaradas Albina Fernandes e Natália David, cuja firmeza ante o inimigo é um exemplo para todas

Dirigentes do Partido torturados e em perigo de vida

No princípio de Abril os camaradas Octávio Pinto e Júlio Martins foram de novo barbaramente torturados com o suplicio do sono e espancamentos brutais. Não há nada porém que possa fazer vergar a honestidade e a dedicação dos verdadeiros comunistas.

Os nossos dois camaradas encontram-se agora em Caxias, juntamente com o camarada Joaquim Pires Jorge mas as suas condições de prisão são ainda piores que as dos outros presos. Os camaradas Américo de Sousa e Carlos Costa foram transferidos para Peniche onde Carlos Costa foi colocado numa situação de completo isolamento e proibido de ter lápis ou papel, tabaco, etc.

As camaradas Albina Fernandes e Natália David, cuja firmeza ante o inimigo é um exemplo para todas

as mulheres comunistas e antissalazaristas, continuam incomunicáveis.

Entre os camaradas doentes, os mais gravemente doentes, destacam-se Cândida Ventura, Manuel Rodrigues, Afonso Gregório, Luís Paula e Manuel Guedes. Se estes patriotas não receberem um tratamento urgente em condições adequadas, a sua vida pode terminar em breve.

Solidarizai-vos com os presos políticos venezuelanos!

Contra o tratamento desumano de que são vítimas, 150 presos políticos de Caracas fizeram a greve da fome. Responderam ao seu apelo o presidente Julio da Embaixada de Venezuela (Rui Francisco Manuel de Melo, 12, 2.º E.), contra a situação dos presos políticos de Venezuela e reclamando a sua libertação.

Contra o tratamento desumano de que são vítimas, 150 presos políticos de Caracas fizeram a greve da fome. Responderam ao seu apelo o presidente Julio da Embaixada de Venezuela (Rui Francisco Manuel de Melo, 12, 2.º E.), contra a situação dos presos políticos de Venezuela e reclamando a sua libertação.

Contra o tratamento desumano de que são vítimas, 150 presos políticos de Caracas fizeram a greve da fome. Responderam ao seu apelo o presidente Julio da Embaixada de Venezuela (Rui Francisco Manuel de Melo, 12, 2.º E.), contra a situação dos presos políticos de Venezuela e reclamando a sua libertação.

Contra o tratamento desumano de que são vítimas, 150 presos políticos de Caracas fizeram a greve da fome. Responderam ao seu apelo o presidente Julio da Embaixada de Venezuela (Rui Francisco Manuel de Melo, 12, 2.º E.), contra a situação dos presos políticos de Venezuela e reclamando a sua libertação.

Contra o tratamento desumano de que são vítimas, 150 presos políticos de Caracas fizeram a greve da fome. Responderam ao seu apelo o presidente Julio da Embaixada de Venezuela (Rui Francisco Manuel de Melo, 12, 2.º E.), contra a situação dos presos políticos de Venezuela e reclamando a sua libertação.

Contra o tratamento desumano de que são vítimas, 150 presos políticos de Caracas fizeram a greve da fome. Responderam ao seu apelo o presidente Julio da Embaixada de Venezuela (Rui Francisco Manuel de Melo, 12, 2.º E.), contra a situação dos presos políticos de Venezuela e reclamando a sua libertação.

Contra o tratamento desumano de que são vítimas, 150 presos políticos de Caracas fizeram a greve da fome. Responderam ao seu apelo o presidente Julio da Embaixada de Venezuela (Rui Francisco Manuel de Melo, 12, 2.º E.), contra a situação dos presos políticos de Venezuela e reclamando a sua libertação.

Contra o tratamento desumano de que são vítimas, 150 presos políticos de Caracas fizeram a greve da fome. Responderam ao seu apelo o presidente Julio da Embaixada de Venezuela (Rui Francisco Manuel de Melo, 12, 2.º E.), contra a situação dos presos políticos de Venezuela e reclamando a sua libertação.

Contra o tratamento desumano de que são vítimas, 150 presos políticos de Caracas fizeram a greve da fome. Responderam ao seu apelo o presidente Julio da Embaixada de Venezuela (Rui Francisco Manuel de Melo, 12, 2.º E.), contra a situação dos presos políticos de Venezuela e reclamando a sua libertação.

Contra o tratamento desumano de que são vítimas, 150 presos políticos de Caracas fizeram a greve da fome. Responderam ao seu apelo o presidente Julio da Embaixada de Venezuela (Rui Francisco Manuel de Melo, 12, 2.º E.), contra a situação dos presos políticos de Venezuela e reclamando a sua libertação.

Contra o tratamento desumano de que são vítimas, 150 presos políticos de Caracas fizeram a greve da fome. Responderam ao seu apelo o presidente Julio da Embaixada de Venezuela (Rui Francisco Manuel de Melo, 12, 2.º E.), contra a situação dos presos políticos de Venezuela e reclamando a sua libertação.

Contra o tratamento desumano de que são vítimas, 150 presos políticos de Caracas fizeram a greve da fome. Responderam ao seu apelo o presidente Julio da Embaixada de Venezuela (Rui Francisco Manuel de Melo, 12, 2.º E.), contra a situação dos presos políticos de Venezuela e reclamando a sua libertação.

Contra o tratamento desumano de que são vítimas, 150 presos políticos de Caracas fizeram a greve da fome. Responderam ao seu apelo o presidente Julio da Embaixada de Venezuela (Rui Francisco Manuel de Melo, 12, 2.º E.), contra a situação dos presos políticos de Venezuela e reclamando a sua libertação.

Contra o tratamento desumano de que são vítimas, 150 presos políticos de Caracas fizeram a greve da fome. Responderam ao seu apelo o presidente Julio da Embaixada de Venezuela (Rui Francisco Manuel de Melo, 12, 2.º E.), contra a situação dos presos políticos de Venezuela e reclamando a sua libertação.

Contra o tratamento desumano de que são vítimas, 150 presos políticos de Caracas fizeram a greve da fome. Responderam ao seu apelo o presidente Julio da Embaixada de Venezuela (Rui Francisco Manuel de Melo, 12, 2.º E.), contra a situação dos presos políticos de Venezuela e reclamando a sua libertação.

Contra o tratamento desumano de que são vítimas, 150 presos políticos de Caracas fizeram a greve da fome. Responderam ao seu apelo o presidente Julio da Embaixada de Venezuela (Rui Francisco Manuel de Melo, 12, 2.º E.), contra a situação dos presos políticos de Venezuela e reclamando a sua libertação.

Contra o tratamento desumano de que são vítimas, 150 presos políticos de Caracas fizeram a greve da fome. Responderam ao seu apelo o presidente Julio da Embaixada de Venezuela (Rui Francisco Manuel de Melo, 12, 2.º E.), contra a situação dos presos políticos de Venezuela e reclamando a sua libertação.

Contra o tratamento desumano de que são vítimas, 150 presos políticos de Caracas fizeram a greve da fome. Responderam ao seu apelo o presidente Julio da Embaixada de Venezuela (Rui Francisco Manuel de Melo, 12, 2.º E.), contra a situação dos presos políticos de Venezuela e reclamando a sua libertação.

Contra o tratamento desumano de que são vítimas, 150 presos políticos de Caracas fizeram a greve da fome. Responderam ao seu apelo o presidente Julio da Embaixada de Venezuela (Rui Francisco Manuel de Melo, 12, 2.º E.), contra a situação dos presos políticos de Venezuela e reclamando a sua libertação.

INTENSIFIQUEMOS AS NOSSAS LUTAS

nas empresas e sindicatos, nas herdades e Casas do Povo

Nos grandes combates que o nosso povo está travando contra o fascismo destaca-se em primeiro lugar a classe operária. Os operários, industriais e agrícolas, são a força mais numerosa, combativa e revolucionária.

A consciencialização das amplas massas trabalhadoras tem-se forjado nas pequenas e grandes lutas pelos seus instantes interesses económicos. A unidade e a organização, e a experiência de acção, que se alcançam nessas lutas fornecem importantes lições que servem não só para lutar mais amplas, pelas reivindicações operárias, como também para as lutas políticas.

Por isso, ao mesmo tempo que se está intensificando a luta política das massas populares deve-se também intensificar a luta económica dos trabalhadores.

NA CUF DO BARREIRO, em virtude da acção dos trabalhadores, descrita já no nosso jornal, foi conquistado um aumento geral de 8500 por dia e 200500 por mês para os mensais. Esta vitória, que

se seguiu à conquista de promoções e de férias mais longas, é bem a prova de que a unidade entre os trabalhadores da CUF e a sua acção é o caminho para a conquista das suas reivindicações. Entretanto o pedido de aumento feito pelos trabalhadores era de 15500 e por isso a luta continua.

NA CERÂMICA DE VALE DE LOSOS igualmente após a movimentação do pessoal, foi conseguido um aumento geral de 3800. Como o patrão quizesse, após este pequeno aumento, impor maiores ritmos de trabalho, os trabalhadores recusaram-se terminantemente mantendo um ritmo de trabalho lento.

Cerca de 500 empregados dos SERVIÇOS DE TRANSPORTE COLECTIVO DO PORTO voltaram a concentrar-se em Maio junto do seu sindicato, para exigir um aumento de salário e para que o novo contrato colectivo de trabalho fosse discutido em Assembleia Geral antes de ser assinado.

Em MONTARGIL todos os operários agrícolas, homens e mulheres, se puseram em greve também no dia 23 de Abril para conquistar as 8 horas e 30500 de jorna. Conseguiram vencer e estão já a ganhar mesmo 35800.

No COUÇO na primeira semana de Maio cerca de 400 operários agrícolas declararam-se também em greve para reclamar as 8 horas e 20500 de jorna.

Com a actual estrutura agrária caracterizada pelo latifúndio e o minifúndio, com a subida constante dos preços dos produtos industriais e a estabilização forçada dos preços agrícolas, com a carência do auxílio financeiro e técnico ao pequeno e médio lavrador, com a existência duma organização corporativa que suga os pequenos em proveito dos grandes e a intrajia o intermediarismo, com a manutenção das relações de parceria e rendas altíssimas nas terras, com tudo isto, o caminho percorrido pela agricultura portuguesa só podia ser o que está bem à vista: rendimentos agrícolas cada vez mais baixos, o abandono dos campos, a ruína da lavoura e dos lavradores.

As queixas apresentadas na reunião de 3.000 agricultores em Estremoz e as afirmações feitas posteriormente de protesto contra a situação da agricultura, são um dos sintomas do descontentamento que percorre os campos.

Mas agora todas essas manifestações têm, dum modo geral, sido encabeçadas pelos grandes lavradores, os quais têm por objectivo impedir que esse descontentamento seja encaminhado para potentes lutas reivindicativas dos agricultores portugueses. Por isso, em vez de porem a mão a razão básica da crise da agricultura, limitam-se a fazer algumas queixas e pedidos ao governo.

O meio milhão de lavradores portugueses que vive, na sua grande maioria, numa situação muito difícil, deve aproveitar tais reuniões para

Greves dos operários agrícolas

A luta dos trabalhadores do arroz continua em toda a zona de ALCÁCER DO SAL, PALMA, COMPORTA, etc. Muitos ranchos que tinham sido contratados foram despedidos de Palma por se recusarem a trabalhar de sol a sol. Na Herdade de Palma os seus donos avisaram que quem não trabalhasse de sol a sol seria posto fora das suas casas na herdade. Na Comporta as mesmas ameaças circulam e alguns agricultores, como o Branco Núncio dizem que não cultivarão as suas terras se os trabalhadores não se sujeitarem à enorme exploração de que são vítimas. O próprio Governador-Civil fez uma reunião com os lavradores mas até ao dia 7 de Maio o ambiente era de ninguém ir trabalhar.

Em MONTARGIL todos os operários agrícolas, homens e mulheres, se puseram em greve também no dia 23 de Abril para conquistar as 8 horas e 30500 de jorna. Conseguiram vencer e estão já a ganhar mesmo 35800.

No COUÇO na primeira semana de Maio cerca de 400 operários agrícolas declararam-se também em greve para reclamar as 8 horas e 20500 de jorna.

Com a actual estrutura agrária caracterizada pelo latifúndio e o minifúndio, com a subida constante dos preços dos produtos industriais e a estabilização forçada dos preços agrícolas, com a carência do auxílio financeiro e técnico ao pequeno e médio lavrador, com a existência duma organização corporativa que suga os pequenos em proveito dos grandes e a intrajia o intermediarismo, com a manutenção das relações de parceria e rendas altíssimas nas terras, com tudo isto, o caminho percorrido pela agricultura portuguesa só podia ser o que está bem à vista: rendimentos agrícolas cada vez mais baixos, o abandono dos campos, a ruína da lavoura e dos lavradores.

As queixas apresentadas na reunião de 3.000 agricultores em Estremoz e as afirmações feitas posteriormente de protesto contra a situação da agricultura, são um dos sintomas do descontentamento que percorre os campos.

Mas agora todas essas manifestações têm, dum modo geral, sido encabeçadas pelos grandes lavradores, os quais têm por objectivo impedir que esse descontentamento seja encaminhado para potentes lutas reivindicativas dos agricultores portugueses. Por isso, em vez de porem a mão a razão básica da crise da agricultura, limitam-se a fazer algumas queixas e pedidos ao governo.

O meio milhão de lavradores portugueses que vive, na sua grande maioria, numa situação muito difícil, deve aproveitar tais reuniões para

levantar abertamente as suas aspirações. Deve unir-se e organizar-se para poder dar à sua acção uma combatividade capaz de arrancar ao regime algumas conquistas. E deve congregos os seus esforços com os da classe operária, industrial e do campo, com todas as camadas democráticas, para que, todo o nosso povo unido derrube o salazarismo e imponha um regime democrático que resolva os problemas fundamentais económicos, políticos e sociais do nosso país. Entre estes situa-se a realização duma ampla Reforma Agrária que arranque a agricultura portuguesa da crise e a conduza pelo caminho do progresso e da prosperidade.

Na base de toda esta situação está a política do governo de Salazar que defende os interesses dos monopólios e latifundiários e esmaga os trabalhadores e os pequenos e médios produtores.

Com este número do «Avante!» sai um suplemento de rubricas no valor de 76-477560

MOSCOV: Diariamente, em português, das 17,30 às 18 e das 20,30 às 21,30 horas pelos ondas de 16,19,31 e 19, 29, 51 e 41 m. respectivamente.

PRAGA: Diariamente, em português, das 20,30 às 21,30 h. e das 23,30 às 24,30 h. em 16,19 e 35 metros e em ondas médias, em 325 metros.

MOSCOV: Diariamente, em português, das 17,30 às 18 e das 20,30 às 21,30 horas pelos ondas de 16,19,31 e 19, 29, 51 e 41 m. respectivamente.

PRAGA: Diariamente, em português, das 20,30 às 21,30 h. e das 23,30 às 24,30 h. em 16,19 e 35 metros e em ondas médias, em 325 metros.

MOSCOV: Diariamente, em português, das 17,30 às 18 e das 20,30 às 21,30 horas pelos ondas de 16,19,31 e 19, 29, 51 e 41 m. respectivamente.

PRAGA: Diariamente, em português, das 20,30 às 21,30 h. e das 23,30 às 24,30 h. em 16,19 e 35 metros e em ondas médias, em 325 metros.

MOSCOV: Diariamente, em português, das 17,30 às 18 e das 20,30 às 21,30 horas pelos ondas de 16,19,31 e 19, 29, 51 e 41 m. respectivamente.

PRAGA: Diariamente, em português, das 20,30 às 21,30 h. e das 23,30 às 24,30 h. em 16,19 e 35 metros e em ondas médias, em 325 metros.

MOSCOV: Diariamente, em português, das 17,30 às 18 e das 20,30 às 21,30 horas pelos ondas de 16,19,31 e 19, 29, 51 e 41 m. respectivamente.

PRAGA: Diariamente, em português, das 20,30 às 21,30 h. e das 23,30 às 24,30 h. em 16,19 e 35 metros e em ondas médias, em 325 metros.

MOSCOV: Diariamente, em português, das 17,30 às 18 e das 20,30 às 21,30 horas pelos ondas de 16,19,31 e 19, 29, 51 e 41 m. respectivamente.

PRAGA: Diariamente, em português, das 20,30 às 21,30 h. e das 23,30 às 24,30 h. em 16,19 e 35 metros e em ondas médias, em 325 metros.

MOSCOV: Diariamente, em português, das 17,30 às 18 e das 20,30 às 21,30 horas pelos ondas de 16,19,31 e 19, 29, 51 e 41 m. respectivamente.

A GRANDE JORNADA DO 1.º DE MAIO

A GNR METRALHA O POVO DE ALJUSTREL

Aljustrel — No dia 28 de Abril às 20 e 30 a PIDE e a GNR assaltaram Aljustrel prendendo 15 pessoas: 11 na vila, 2 de junho e 2 de Montes Velhos. São: António da Palma Brito, proprietário; Edmundo da Silva, dono duma livraria; Joaquim Carapinha, dono duma rolojaria; Francisco Conceição; Manuel Guerreiro, dono duma casa e mineiro; Joaquim Paulos; Zeca Luis, pequeno proprietário; Maria José Luis Pereira, irmã do anterior; Francisca Malteza, comerciante; João Eugénio; Serrano, chefe de um laboratório de Química da Mina; todos da Vila. Emidio e outro de junho. Dos dois de Montes Velhos, um é comerciante.

A população de Aljustrel, ao ter conhecimento das prisões, indignada, dirigiu-se para o posto da GNR. Cerca de 300 pessoas homens, mulheres e crianças, iam reclamar a libertação dos seus conterrâneos. Nas ruas gritavam: «Bandidos! Assassinos! Viva Delgado! Viva Alvaro Cunha! Liberdade!» Ao seu encontro surgiu uma força da GNR, com metralhadoras, comandada por um tenente e um sargento. A GNR não mandou dispersar ninguém. O tenente gritou logo: «FUGO!» Imediatamente o sargento Cavaco fez rajadas de metralhadora, matando o mineiro António Gregório Adão, de 27 anos, solteiro, membro do PARTIDO COMUNISTA. Poucos segundos depois, caiu morto o mineiro Francisco Macieira, de 45 anos, casado. Ao mesmo tempo as praças da GNR lançaram-se cegamente a fazer rajadas de metralhadora sobre o povo. As ruas foram varridas com rajadas. Em todas as esquinas faziam fogo. As paredes ficaram crivadas de balas. Os guardas avançavam tão cegos que muitos manifestantes ficavam escondidos nas ombreiras das portas e não eram vistos. Numa rua seguia Ana Correia com dois filhos, uma menina de 8 anos e outro mais velho. A GNR fez sobre eles uma rajada de metralhadora, caindo a mãe e o filho gravemente feridos, ficando a menina com a roupa furada de balas. Encontraram-se em estado grave no hospital. O mesmo aconteceu a Francisca da Luz e António Mestre. Dezenas de pessoas ficaram feridas. Se o povo não fugisse para dentro das casas e estabelecimentos teria havido

muitos mortos. A PIDE encontrava-se no Posto, donde comandou superiormente toda esta acção. A GNR agrediu a população também a coronhã.

É mentira a afirmação fascista de que o povo ia com armas; é uma forma de tentar justificar a sua acção bandidesca. A GNR passava pelos mortos e feridos sem recolher ninguém. Foi o povo que os levantou e recolheu.

Enquanto a GNR andava aos tiros na rua, a PIDE fugiu com os 15 presos para Beja donde os levou para Lisboa.

ALJUSTREL foi tomada por enormes forças da GNR com me-

tralhadoras, jeeps, e capacetes de aço. Os cabeços em volta da vila estavam tomados por guardas de metralhadoras.

No dia 30 de manhã os dois mortos foram levados para Beja, dizendo-se que o funeral se realizava em Beja. Mas nesse mesmo dia às 10 horas regressaram com eles. A esta hora, quando os 2 turnos se encontram na mina, para se render no trabalho, é que foi realizado o funeral à pressa. O caminho para o cemitério foi fechado por 30 GNR de metralhadora que logo apontavam as armas a quem quizesse passar. Os próprios familiares foram impedidos de assistir aos funerais.

EM TODO O ALENTEJO

Paralisações do trabalho e manifestações

Só contando com as terras de que já recebemos notícias, mais de 35.000 trabalhadores recusaram-se a trabalhar no 1.º de Maio no Alentejo.

Assim sucedeu em Montemor-o-Novo, onde pararam todos os operários agrícolas e da construção civil, no Escoural, Alcáceres, Aldeia Nova, Pias, Vale de Vargoso, Ervidel, etc., onde praticamente não se trabalhava nos campos. Em algumas destas terras os trabalhadores manifestaram-se nas ruas, dando-se em Ervidel recontros com a GNR, que prendeu dezenas de pessoas. Em Beja pararam cerca de 1.000 trabalhadores rurais, da construção civil e metalúrgicos. Em Portalegre mais de 3 mil trabalhadores paralisaram o trabalho. Em Alcácer de Sal no 1.º de Maio apareceram muitas inscrições e bandeiras com: «Viva a Unidade dos trabalhadores», «Abaixo o Fascismo», etc. Praticamente todo o trabalho parou na terra, tal como em Santa Catarina e S. Romão do Sado.

ERMIDAS — Agentes da PIDE e forças da GNR ocuparam a terra desde o dia 29 de Abril. Foram presas 7 pessoas, tendo fugido outras 10. Foram lançados morteiros e o povo concentrou-se para exigir a libertação dos presos. No dia 1.º de Maio tudo parou e foram feitas muitas inscrições e bandeiras contra o fascismo.

GRÂNDOLA — No dia 27 de Abril, a PIDE, a GNR e a PSP estabeleceram na terra um verdadeiro estado de sítio. No dia seguinte foram presos um comerciante, um empregado das bombas de gasolina e um operário. Por meio de morteiros o povo foi alertado e concentrou-se no centro da

vila exigindo a libertação dos presos. As forças repressivas carregaram e houve luta que durou algum tempo. No dia 1.º de Maio ninguém trabalhou excepto a firma «Grandeiro»; a banda da música andou nas ruas acompanhada por muito povo e realizou-se um pic-nic que juntou centenas de pessoas. Apesar da terra estar ocupada pelas forças repressivas apareceram muitas inscrições, bandeiras e cartazes: «Que acabe a guerra em Angola», «Amnistia», «Fora Salazar».

Assalto terrorista da PIDE

ao COUÇO

COUÇO — Esta vila sofreu de novo uma brutal ofensiva policial. No dia 27 de Abril, pelas 2 da manhã, uma força da GNR em jeeps, armada de metralhadoras e com capacetes de aço, juntamente com cerca de 20 agentes da PIDE assaltou muitas casas do Couço, arrombando as portas e levando presas 15 pessoas. Foram presos: José Nogueira, comerciante, Joaquim Bastão, comerciante, Olimpinha David Brás, peixeira, Maria Custódia, comerciante, Joaquim Filipe, negociante, João Marra e sua mulher Maria da Conceição Figueiredo, padeiros, Maria Madalena, António Caetano, Pedro Caetano, António Lagriminha, Manuel João, Joaquim Galvão, Maria Galveias e António Gafaniz, todos operários agrícolas.

Foram ainda assaltadas as casas de Henriques Passareco, que foi ameaçado, e de António Gafaniz

QUEM FALA VERDADE?

Tempestade na Assembleia

Dr. Vitor Barros, que é salazarista e defende o colonialismo, fez na chamada Assembleia Nacional um discurso, hoje já célebre, no qual afirmou que a vida administrativa ultramarina é uma colossal mentira; que «falhou» o processo de colonização; que «denunciou» os «alinhados» que sempre incompletos e desconhecidos dos problemas locais e o mais das vezes desonestos, democráticos e «corruptos», a «censura», os «exclusivos», etc., etc.

Os outros companheiros da Assembleia não gostaram. O dr. Pinto Carneiro, criticando acerbamente o dr. Vitor Barros, aproveitou para, de forma lapidária, explicar como se deve trabalhar na Assembleia Nacional; que em relação à correção dos erros «isso se faz sobretudo em silêncio, em família, jamais em público», «os aspectos positivos... é que devem ser aqui realçados». O dr. Vitor Barros esqueceu de dar o nome e por isso chegou a ser alcunhado de «traidor».

Ainda ouvimos outros salazaristas dizerem coisas semelhantes às do dr. Vitor Barros. Mas será a luta do nosso povo que acabará com as mentiras e crimes do salazarismo, que fará calar de vez a Assembleia fascista e destruirá as prepotências de mais de 30 anos de poder dos monopólios.

É demais!

Em Santa Margarida a tropa foi mandada formar para ouvir uma preleção dum dos oficiais que lhes pediu lá-cao para os soldados que estão em África, «a lutar pela Pátria», como ele disse.

Alguns, pressionados, ofereceram mãos mas colocando dentro das mãos mensagens para os seus camaradas que estão em Angola, na guerra colonialista. Passado algum tempo, essas mensagens são encontradas nos seus bolsos e estão a vender na cantina. «Como é isto», gritam os soldados indignados. E dias depois, quando os oficiais pedem agora dinheiro para a sua família, ninguém dá, ninguém quer sequer um tostão, apesar das ameaças.

(filho), Joaquim H. Gafaniz, João Aranha, Jerónimo Bom, Luís Ramos, Joaquim Ceatano, Joaquim Labaredas, António Galvão, António Bom, Maria Augusta Beca e Elódia Camila, que não foram encontrados em casa.

Durante toda a madrugada se deram estes miseráveis assaltos. Durante estes António Caetano foi agredido na sua casa, ficando ferido. Mariana Ribeiro, sogra de José Nogueira, em virtude da conexão sofrida com a prisão do genro, faleceu. Também a mulher de José Nogueira caiu muito doente e foi para o hospital em virtude destes acontecimentos.

Os patifes da PIDE chegaram a levar com a operaria Maria Galveias uma sua filha de 8 anos. Em Coruche tiraram-lha para então a mandar para o Couço.

Greve geral

e manifestação

No funeral de Mariana Ribeiro, realizado no dia 1.º de Maio, compareceram cerca de 2.000 pessoas que gritavam: «Assassinos! Bandidos!». Ninguém na terra trabalhou nesse dia, devendo ter parado 4.000 pessoas, contando com ranchos de fora. De tarde realizou-se um pic-nic com mais de 400 pessoas, apesar do aparato da GNR que as acompanhava sempre. No fim do pic-nic, dirigiram-se todos para a terra cantando o hino nacional e dando vivas ao 1.º de Maio.

MAIS ACÇÕES

do 1.º de Maio

EM AMIARCA deu-se uma paralisação total do operariado agrícola e industrial apesar do aparato repressivo das forças da GNR vindas de vários lados.

Em ALCANTARA muitos operários concentraram-se em Vila Moreira onde quase ninguém trabalhava. As forças repressivas impediram a manifestação mas não a concentração e os gritos contra a repressão e o fascismo e por um aumento de salários.

Em PERO FINHEIRO paralisaram quase totalmente a zona de pedreiras da terra. Mais de 2 mil pessoas convergiram para Lameiras onde já se tinha feito a alvorada pelas 7 horas. As forças repressivas não tiveram a aparecer apesar disso, o 1.º de Maio foi comemorado por toda aquela gente.

A maioria dos trabalhadores da construção civil da zona de CAÇAS paralisou o trabalho e em TIRES foi feita a alvorada com foguetes e a música saiu para a rua. Em SANTARÉM muitos operários não compareceram ao trabalho, o mesmo tendo sucedido em muitas outras terras.

10 DE JUNHO — Reforcemos a unidade

Estamos a atravessar uma fase de grandes lutas de massas. Nos últimos meses, o movimento democrático e anti-fascista português tem conseguido importantes êxitos.

Para consolidar as vitórias alcançadas é necessário que se faça um grande esforço de organização e alargamento da unidade.

O 10 de Junho, dia da confraternização da cultura nacional, é uma data com grandes tradições progressivas e patrióticas. Que no próximo dia 10 de Junho se organizem por toda a parte passeios, festas, excursões, conferências e outras iniciativas que a juventude estreite os laços de camaradagem e confiança, de modo a poder lançar-se em novas e maiores lutas!

Chamemos ao movimento patriótico e anti-fascista novos milhares de portugueses!